

#cm
2

QUARTA-FEIRA

O suicídio *posto à mesa*

Na cozinha de casa a filha anuncia à mãe que vai se matar. Neste ponto tem início uma dura conversa sobre o direito de decidir a própria morte — e a impotência de quem ama e não pode impedir. A premiada peça ‘Boa Noite, Mãe’, da estadunidense Marsha Norman, está em cartaz no Teatro Poeira com Ana Beatriz Nogueira e Andréia Horta. Página 2



Ana Beatriz Nogueira e Andréia Horta dividem a cena em 'Boa Noite, Mãe', que mergulha na complexidade da relação entre mãe e filha

A última noite de sábado

Ana Beatriz Nogueira e Andréia Horta estão no Teatro Poeira com a premiada 'Boa Noite, Mãe', de Marsha Norman

AFFONSO NUNES

No palco, duas mulheres e uma cozinha. Pela primeira vez juntas em cena, Ana Beatriz Nogueira e Andréia Horta protagonizam "Boa Noite, Mãe", de Marsha Norman, em cartaz no Teatro Poeira. O texto da estadunidense, escrito em 1981, estreou dois anos depois e conquistou o prestigiado Prêmio Pulitzer de teatro. Traduzida por José Pedro Peter, a montagem brasileira tem direção de Leonardo Netto. Toda a dramaturgia se dá em tempo real, mais especificamente uma noite comum de sábado na qual Jessie comunica à mãe, Thelma, que decidiu tirar a própria vida antes do amanhecer.

O que segue é uma conversa, a primeira verdadeira que as duas tiveram na vida. Segredos, ressentimentos, afetos e silêncios acumulados em décadas vêm à tona. A montagem mergulha nas complexidades das relações e propõe uma reflexão sobre autonomia, afetos, solidão e os limites das escolhas individuais.

"O que me interessa nesse tipo de dramaturgia é a comunicação que ela estabelece com o espectador. Aliás, é o que me interessa na dramaturgia de ficção de modo geral. Acho que meu trabalho, tanto como dramaturgo quanto como diretor, se volta cada vez mais para a ficção. A ficção é muito poderosa porque acessa o espectador não só através do raciocínio, do intelecto", diz o encenador Leonardo Netto ao Correio da Manhã.

Filha de uma família de contadores de histórias no Kentucky, Marsha Norman escreveu a peça sobre o tema que ninguém queria encostar, e a coragem rendeu, além do Pulitzer, os prêmios Blackburn, Hull-Warriner e Drama Desk.

O texto ganhou montagens no mundo inteiro e chegou ao cinema em 1986, com Anne Bancroft e Sissy Spacek nos papéis da mãe e da filha. Daí uma das coincidências mais curiosas da temporada: em 1987, Ana Beatriz Nogueira disputou o Urso de Prata no Festival de Berlim ao lado das duas americanas — e venceu, por seu desempenho em "Vera", longa de Sérgio Toledo.

“Fiquei, mais uma vez, arrebatada e profundamente impressionada com o que considero o ponto mais trágico da obra: a impossibilidade de comunicação”

ANA BEATRIZ NOGUEIRA

“Minha personagem decide dar fim a sua vida. Fui convidada a tentar compreender sem julgar, e com respeito e delicadeza fui me aproximando dela”

ANDRÉIA HORTA

Andréia Horta, que faz a filha, volta ao teatro depois de sete anos dedicados quase que exclusivamente à TV e ao cinema. A atriz, que veio recentemente da série "Três Graças", contracena com quem estreou no palco ainda adolescente, formada no Teatro Tablado e na CAL.

"Em cena estamos eu e Ana Beatriz Nogueira, como mãe e filha em um trabalho de muita concentração e escuta. São duas atrizes em cena sustentando juntas uma situação muito intensa, então existe uma responsabilidade enorme de uma com a ou-

tra durante o espetáculo. Minha personagem decide dar fim a sua vida. Fui convidada a tentar compreender sem julgar, e com respeito e delicadeza fui me aproximando dela", conta Andreia ao Correio da Manhã.

A atriz admite que o espetáculo traz um assunto difícil para algumas pessoas. "Por isso acho importante que o público saiba previamente do tema que vai encontrar. O teatro é esse espaço poderoso que nos dá tempo e permite nos reunirmos para pensarmos juntos e lançarmos luz sobre assuntos que muitas vezes tentamos evitar", destaca.

"Li o texto de 'Night, Mother' depois de assistir ao filme — traduzido no Brasil como 'Noite de Desamor' — no Festival de Cinema de Berlim, em 1987. Fiquei, mais uma vez, arrebatada e profundamente impressionada com o que considero o ponto mais trágico da obra: a impossibilidade de comunicação. Foi a partir desse impacto que me reuni a essa turma maravilhosa e tão talentosa e, junto com Joyce Ruiz, sócia e amiga nessa empreitada, produzi o espetáculo", revela Ana Beatriz Nogueira, que recrutou para o projeto nomes experientes: direção de movimento de Márcia Rubin, cenografia e figurinos de Ronald Teixeira e Flavio Graff, iluminação de Ana Luzia Molinari de Simoni, visagismo de Fernando Ocazone.

SERVIÇO

BOA NOITE, MÃE

Teatro Poeira (Rua São João Batista, 104, Botafogo)
Até 25/10, de quinta a sábado (20h) e domingos (19h)
Ingressos: R\$ 120 e R\$ 60 (meia)

O picadeiro volta à Praça Tiradentes

‘Alegrai’ faz da tradição circense musical que cruza ancestralidade afro-brasileira, samba, carnaval e teatro de revista no palco do Teatro Carlos Gomes

Quase um século depois de companhias circenses fazerem parte da paisagem cultural da Praça Tiradentes, o picadeiro volta a encontrar o palco no coração histórico do teatro carioca. “Alegrai, um musical circense brasileiro” estreia nesta quinta-feira (1º), às 19h, no Teatro Carlos Gomes, levando para a cena uma mistura de acrobacia, música, carnaval, religiosidade popular e referências ao teatro de revista.

Idealizado por Ivo Oliveira e Luciana Nabuco, responsáveis também pela dramaturgia e direção, o espetáculo nasceu no Instituto Unicirco Marcos Frota, na Quinta da Boa Vista, onde permaneceu cerca de três anos como uma sequência de números circenses. A mudança para o palco italiano do Carlos Gomes provocou uma transformação mais profunda: o que era essencialmente circo ganhou dramaturgia, personagens e uma trilha capaz de costurar diferentes universos da cultura popular brasileira.

São 23 artistas circenses em cena, acompanhados por uma banda de oito músicos. Em vez de simplesmente transportar os números do picadeiro para dentro do teatro, a montagem procura recriar sua linguagem. O circo aparece atravessado pelas encantarias, pelas tradições afro-brasileiras, pelas ruas do Rio, pelo samba e pelo carnaval. Nesse território imaginário surge o Povo da Lira, em torno do qual a encenação articula música, corpos e ancestralidade.

“Pela primeira vez em quase 100 anos, uma companhia circense ocupa novamente um teatro na mítica Praça Tiradentes. O espetáculo é a celebração da cultura popular através do circo, das tradições afro-brasileiras, da música, do samba, do carnaval, da ancestralidade pulsante.



Em cartaz no Teatro Carlos Gomes, o musical ‘Alegrai’ reúne 23 artistas circenses em cena e investe no formato de teatro de revista ao mesclar circo, samba e ancestralidades afro-indígenas

É a expressão do corpo brasileiro em seu sonho livre, aberto e ousado”, comemora Luciana Nabuco.

A ideia de encontro atravessa também o elenco. Aos 82 anos, o ator José Araújo divide o palco com artistas de outras gerações, entre eles Júlia Vargas, cantora e compositora; Nina Wirtti, atriz, cantora e com-

positora; e Hugo Germano, ator que também responde pela preparação teatral do grupo. A diversidade de trajetórias ajuda a construir uma montagem na qual a experiência do teatro dialoga com técnicas e corpos formados no universo circense.

A música ocupa papel central nessa passagem do picadeiro para o

palco. A direção musical é dividida por Ivo Oliveira e Rodrigo Ferrera, e a banda reúne baixo, bateria, cavaquinho, percussão, guitarra, violão, teclado, saxofone, flautas, trompete e trombone. A trilha original traz composições de Ivo Oliveira, Mauro Aguiar, Rodrigo Ferrera, Júlia Vargas, Gui Fleming, Yuri Villar,

Diogo Brandão e Luciana Nabuco.

Foi justamente a música que abriu caminho para a versão teatral. Segundo Ivo, as canções autorais funcionaram como ponto de partida para que Luciana construísse a dramaturgia ao longo do processo. Uma delas acabou batizando a montagem.

“O projeto para o teatro nasceu das canções autorais, com a dramaturgia sendo construída por Luciana ao longo do processo. A canção ‘Frevo Alegrai’, minha parceria com Mauro Aguiar, inspirou o título da montagem”, conta o diretor.

A aproximação entre circo e encantaria também desloca o espetáculo da ideia de uma simples sucessão de proezas físicas. Acrobatas e demais artistas tornam-se “encantados circenses”, figuras de um universo no qual referências religiosas e culturais brasileiras convivem com a fantasia própria do picadeiro. Figurinos, cenário e identidade visual, assinados por Luciana Nabuco, acompanham essa transformação.

Ao recuperar o circo dentro de um dos palcos mais tradicionais do Centro, “Alegrai” acaba estabelecendo ainda um diálogo com a própria memória da Praça Tiradentes. Durante décadas, a região concentrou algumas das principais formas de diversão do Rio, aproximando o erudito e o popular, o teatro e a música, a revista e a rua. É nesse território de misturas que a montagem procura se instalar.

A discussão sobre essas matrizes ultrapassa o espetáculo. No dia 9 de outubro, às 15h, o Salão Guarany, no próprio Teatro Carlos Gomes, recebe a mesa “Mandingas brasileiras e fundangas encantadas”, com entrada franca. O encontro reúne o escritor e professor Luiz Antonio Simas, a educadora, filósofa e escritora Helena Theodoro e a cantora Rita Beneditto, com mediação de Brendow Gabriel, mestre e doutorando em Filosofia pela UFRJ. A proposta é colocar em diálogo filosofia, música e tradição popular, discutindo como mandingas e encantamentos permanecem vivos na cultura brasileira contemporânea.

SERVIÇO

ALEGRAI, UM MUSICAL CIRCENSE BRASILEIRO

Teatro Carlos Gomes (Praça Tiradentes, s/nº - Centro)
De 1 a 11/10, de quinta a sábado (19h) e domingos (18h). | Ingressos: R\$ 80 e R\$ 40 (meia)

LINHAS DE FUGA

por ALDO TAVARES



Mentiroso, um ator

Aproxima-se o primeiro turno. Pressinto o frio. Medo. Sinais indicam que a extrema direita será maioria. Enquanto isso, a inocência jornalística propaga Fato ou Fake, o que me faz lembrar Aristóteles com sua tabela da verdade, tão marcada pela dicotomia verdadeiro ou falso.

Para além dessa lógica identitária, o mentiroso é ator político que diz sem ser o que diz, em outros termos, o-que-diz-ser-não-é. O mentiroso, portanto, deixa à mostra o-que-é e, ao mesmo tempo, o-que-não-é. Não há dualismo. Não há dicotomia.

Não se trata, portanto, de haver separação entre “ser” (verdade) e “não-ser” (mentira), como o senhor Senso Comum tem o hábito de asseverar, porque o mentiroso mistura “ser” e “não-ser”, afinal, “o-que-diz-ser-não-é” e “o-que-não-diz-ser-é”. Ao falar às claras, o mentiroso oculta-se.

Traidor, eis o representante da mentira; é ele quem, além de deixar a realidade misturada, não deixa de ser a própria mistura no próprio rosto-palavra, sendo impossível saber se ele “é” ou se “não-é”. Os traços de sua face dizem a “verdade”, por isso uma massa de eleitores tende a se identificar com ele, pois o traidor fala a “verdade” com a intensa emoção de Amor por Deus, de Amor pela Pátria e de Amor pela Família, e com a intensa emoção de ódio pelo inimigo. Infantilizada, a massa é incapaz de perceber que o traidor ajusta a mentira à verdade.

Não existe fato ou fake, não há dualismo, já que o mentiroso, que se serve do fato, isto é, que se serve da representação, deixa sempre uma “verdade” para quem tende a acreditar em seu rosto-palavra. O traidor diz a “verdade”, na medida em que a mentira se ajusta à verdade ou o não-ser se ajusta ao ser. O traidor não é isso ou aquilo. Ele é, ao mesmo tempo, isso-e-aquilo, sendo nem um nem outro. Não há dualismo, e sim a graduação do mesmo ou a diferença do mesmo.

Sabemos: a realidade política só chega a nós pela linguagem, e essa realidade, para milhões de eleitores, já é mistura, o que significa afirmar que o fato (ou a representação), transmitido pela TV, “é-e-não-é”. Paradoxo.

Outra questão: a luta política entre polos antagônicos já colapsou a própria linguagem por causa da violência emitida por ela. Assim, estando a linguagem colapsada porque se serviram dela a fim de violentar, chegamos ao ponto em que a razão não encontra mais equilíbrio na própria linguagem, e precisamos de equilíbrio para que haja oposição enquanto qualificadora de ideias públicas. Chegamos ao insólito: não há oposição porque tudo é mistura.

Palavras perderam sentido. Apenas vigora o que é imposto por quem fala e, quando digo imposto por um Eu, a segunda violência – a corpórea – é a única resposta dos antagônicos por ser imediata, por ser direta, afinal, a intermediação entre mim e o outro, a linguagem, já é cadáver. Há anos, antagônicos chutam o cadáver.

Caso o senhor Senso Comum exija de mim dualismo, nego-o: a mentira é muito mais plástica do que a verdade, pois, na condição de “ser-e-não-ser”, a mentira não deixa de ser verdade, mas verdade outra da mesma verdade. A mentira diz a verdade.

Abro “Humano Demasiado Humano”: “306. Os médicos mais perigosos são os que, atores natos, imitam o médico nato com o perfeito dom de iludir”. Parafraseio Nietzsche: o político mais perigoso é o que, ator nato, imita o político nato com o perfeito dom de iludir. A extrema direita sempre soube iludir, soube sempre ser lúdica: jogar. Pressinto o frio no primeiro turno.

O marabaixo

chega aos palcos do Rio

Divulgação



Emília Moneiro conta que conheceu o marabaixo quando voltou a Macapá para visitar os pais

Emília Monteiro abre a turnê ‘Amazônica’ no circuito Sesc com muita lambada, carimbó e marabaixo a preços populares

AFFONSO NUNES

Nós, brasileiros do Sul e Sudeste, podemos não ter muita familiaridade com os ritmos musicais da Região Norte, mas conhecemos o carimbó, a lambada e o marabaixo. Opa, marabaixo? Trata-se de um mo ancestral do Amapá, que nasceu nos terreiros dos quilombolas do baixo Amapá e costumava levar dias para terminar. Essa rica tradição musical amazônica chega ao estado com a cantora Emília Monteiro e seu show “Amazônica” que inicia nesta quarta-feira (30), às 19h, no Sesc Copacabana, seu gito pelo estado.

O espetáculo, contemplado pelo edital Sesc Pulsar, apresenta os ritmos tradicionais que Emília herdou de família amapaense e paraense: o marabaixo, o lundu, o batuque do Amapá e o carimbó. Do outro, a vertente urbana que hoje se chama Amazônia Pop, representada pela lambada, pelo brega e pelo tecnobrega — gêneros que, nos aniversários da Ilha do Marajó, costumam reunir mais milhares de corpos do que qualquer bloco de rua do centro-sul do país.

A cantora radicada em Brasília conta que conheceu o marabaixo, quando voltou a Macapá para visitar os pais. “Me deparei com o marabaixo... eu fiquei apaixonada por essa música. É m ritmo mais lento, como um lamento, mas é claro que, ao longo do tempo, se contemporaneizou e hoje não fala só das dores da época da escravidão”, explica ela.

No palco, a formação é de trio elétrico moderno: baixo, guitarra e bateria, amplificando o balanço. Emília criou, em 2016, o Bora Coisar, o primeiro e único bloco amazônico de Brasília.

Sua trajetória passa pelo disco “Cheia de Graça” (2013), gravado com o percussionista Nena Silva, remanescente do Quilombo do Curiaú, e pelas parcerias com lendas

“A influência amazônica é a base da minha estrutura familiar, tanto afetiva quanto cultural e gastronômica”

EMÍLIA MONTEIRO

do Norte. Emília é afilhada musical de Dona Onete, a dama do carimbó de Cametá, que gravou com ela e lhe cedeu canções — a dupla assina “Veneno de Cobra”, há anos feita clássico nas paradas de festivais de música amazônica.

Passaram também pelo seu universo Mestre Manoel Cordeiro, Mestre Aldo Sena, Gaby Amarantos, Felipe Cordeiro e Lia Sophia. Em 2026, Emília participou do disco “Te Dou um Norte”, de Manoel Cordeiro, na faixa “Pocoroco”, e prepara o lançamento de um novo EP sob direção do próprio mestre.

“A influência amazônica é a base da minha estrutura familiar, tanto afetiva quanto cultural e gas-

tronômica. A cultura amazônica forjou minha identidade pessoal, o que se estendeu para a música, naturalmente”, comenta a artista que, depois de Copacabana, segue segue com sua turnê fluminense nesta sexta-feira (2) no Sesc Niteroi.

SERVIÇO

EMÍLIA MONTEIRO - AMAZÔNICA

30/9, às 19
Sesc Copacabana (Rua Domingos Ferreira, 160 – Copacabana)
Ingressos: R\$ 15, R\$ 7,50 (meia), R\$ 13,50 (convênios), R\$ 11 (convênio empresário) e R\$ 10,50 (sócio Sesc)

Um ano sabático de quase quatro décadas

Saxofonista Joshua Redman apresenta no Rio show da turnê de ‘Words Fall Short’, álbum gravado com banda recém-formada

AFFONSO NUNES

Queremos Jazz!, vertente jazzística do tradicional festival, traz ao Rio nesta quarta-feira (30) o saxofonista Joshua Redman. A turnê, que passou por São Paulo nesta terça, marca a volta do estadunidense ao país com o álbum “Words Fall Short”, lançado em junho de 2025 pela Blue Note numa formação enxuta com o pianista Paul Cornish, o baixista Philip Norris e o baterista Nazir Ebo. Agora, o quarteto pega a estrada para mostrar o novo trabalho de Redman.



Joshua Redman chega ao Brasil com disco novo e um quarteto em estreia

Redman montou o grupo como banda de trabalho para a turnê de “Where Are We”, disco de 2023 em que pela primeira vez gravou um projeto centrado na voz, ao lado da cantora Gabrielle Cavassa. Quando a turnê avançou, “algo virou no caminho”, como ele próprio contou: decidiu que aque-

les três jovens, todos na casa dos 20 anos, mereciam mais do que o papel de acompanhantes. Norris e Ebo chegaram primeiro; Cornish completou o time. O resultado virou o segundo álbum de Redman na Blue Note — oito composições próprias, 45 minutos, gravados como formação fixa.

“Words Fall Short” investiga a fronteira entre o que se diz e o que a música alcança: temas de imperfeição, linguagem, memória e conexão humana, alternando momentos contemplativos e passagens de improvisação coletiva intensa. O disco ainda amplia o diálogo entre gerações do jazz

contemporâneo com participações especiais da saxofonista Melissa Aldana, da trompetista Skylar Tang e da própria Cavassa. A crítica especializada viu ironia do título do trabalho que, traduzido para o português seria algo como “quando as palavras falham”. Afinal, depois de um elogiadíssimo álbum vocal, Redman voltou ao instrumental.

Sua trajetória anterior ajuda a entender essa reviravolta. Nascido em Berkeley (Califórnia), em 1969, o filho do saxofonista Dewey Redman formou-se em Harvard, venceu o concurso Thelonious Monk de 1991 e chegou a pedir para não entrar naquele momento na faculdade de Direito de Yale, na qual estava matriculado, para um ano sabático dedicado à música. Três décadas e meia depois, é um dos nomes centrais do jazz moderno, com trabalhos autorais e colaborações ao lado de Brad Mehldau, Christian McBride, Pat Metheny, Brian Blade e The Bad Plus — e a reputação de quem equilibra tradição e experimentação.

SERVIÇO

JOSHUA REDMAN

Vivo Rio (Avenida Infante Dom Henrique, 85, Parque do Flamengo) | 30/9, às 21h
Ingressos a partir de R\$ 200 e R\$ 100 (meia)

CRÍTICA DISCO | LATIN AMERICAN SUÍTE Nº 1 FOR STRING QUINTET

AQUILES RIQUE REIS*

Hoje é dia de trazer-lhes o novo álbum do compositor João Marcondes, “Latin American Suíte No. 1 for String Quintet – Opus 90” (Azul Music), que reafirma como o erudito não é antagônico ao popular — são complementares em seus desígnios e alinhados em suas harmonias. Trata-se de uma obra feita de mesclagens de gêneros que só grandes compositores são capazes de criar, e dentre eles está João Marcondes.

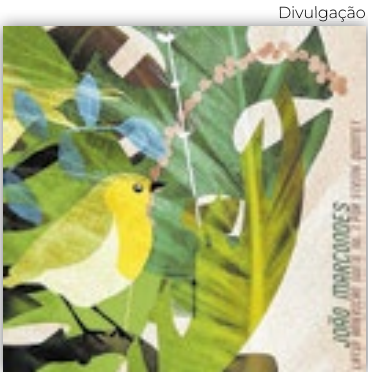
O Quarteto Topázio, com participação da contrabaixista Gabriela Negri, gravou o álbum, criando alegorias com os gêneros musicais anunciados nos títulos. Músicas do cancionário latino-americano que resultaram numa exposição clara e verdadeira, plena de ritmos e linguagens populares mescladas à erudição contemporânea.

Assim, músicas brasileiras,

argentinas, venezuelanas, colombianas, mexicanas e cubanas têm como ponto de partida um trabalho que celebra a riqueza cultural da América Latina. Decompondo criações populares e mesclando-as com músicas de concerto, dá ao ouvinte a certeza de que mesclagem é uma mina de belezas.

Valho-me novamente da música, minha principal fonte de disposição, para denunciar a velha trama que hoje expõe a democracia à sanha de mais um golpe armado pelos reacionários dos esgotos da política da morte: os ratos que tumultuam as eleições para eleger entreguistas de extrema-direita.

Bem, dito isso, às músicas que



podem ser ouvidas em <https://l1nq.com/h1fuqd>.

Abrindo a tampa, “Tango” traz vida nova ao símbolo da música argentina. Em seguida, “Choro” revisita, com lirismo e fluidez, a tradição instrumental brasileira. “Canção de Cuna” traduz os segredos composicionais das can-

ções de ninar latinas que, graças às cordas, logo despontam em meio às delícias de uma bela melodia. “Bambuco” tem os contornos rítmicos e melódicos da tradição colombiana; um tema extrovertido, cujas cordas repetem um desenho junto aos violinos. “Carnavalito” mostra a força das regiões andinas através das notas do contrabaixo que sola suavemente; o final vem em fade out... um lindo tema! Fechando a tampa, “Bolero” entrega uma atmosfera diáfana para a fantasia do gênero argentino, que viaja com magistral liberdade e levada singular, enquanto o baixo e o cello dão vazão ao engenho de Marcondes. Tudo caminha em meio à fluidez etérea das cordas;

logo sente-se um ambiente lírico... e a mesclagem segue dando o tom, até o final vir em fade out. Um tema supimpa!

A resiliência da música é tanta que permite a inventividade dos que arriscam mudanças bem-vindas. E não só: mantém a esperança de que os velhos golpistas, aliados ao imperador do mundo, não passarão! E de que a democracia e a soberania restarão intatas.

Ficha técnica

João Marcondes: composição; Leandro Dias: violino; Anderson Farinell: violino; André Rodrigues: viola; Marialbi Trisolio: violoncelo; Gabriela Negri: contrabaixo; gravação, mixagem e masterização: Adonias Junior (Estúdio Arsis); lançamento: Azul Music.

*Vocalista do MPB4 e escritor

Bom para quem faz e bom para quem vê

Projeto idealizado por Pedro Monteiro, com direção artística de Cavi Borges, estreia em Vista Alegre, com 'Marte Um', apostando na formação de público fora do circuito tradicional



'Marte Um' (2022) representou o Brasil em Sundance e foi laureado em Gramado

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Num momento em que o cinema brasileiro coleciona prestígio em festivais internacionais, mas ainda trava uma batalha cotidiana para chegar ao seu próprio público, uma nova tela vai se acender na Zona Norte do Rio. Nesta quarta-feira (30), às 19h, a Areninha Cultural João Bosco, em Vista Alegre, recebe a primeira sessão do Cineclube Cavideo, projeto idealizado pelo produtor e ator Pedro Monteiro, com direção artística do cineasta Cavi Borges. A abertura será com "Marte Um", de Gabriel Martins, numa programação que prevê 12 sessões gratuitas de filmes nacionais, sempre acompanhadas por debates e com intérprete de Libras.

O ponto de partida do projeto é um gargalo histórico da produção brasileira: a exibição. Segundo pesquisa da Ancine citada pela organização, apenas uma em cada dez pessoas que foram ao cinema em 2025 assistiu a uma produção nacional. Para Monteiro, descentralizar as telas é uma forma de enfrentar a distância entre os filmes brasileiros e seus potenciais espectadores.

"Ampliar os pontos audiovisuais na periferia da cidade é fundamental para democratizar o acesso ao cinema e aproximar a produção brasileira de públicos que têm menos acesso às salas. A experiência realizada na Maré e em Vicente de Carvalho



Cavi Borges (esq), Tamires Nascimento e Pedro Monteiro estão a frente do projeto que forma plateias cinéfilas no subúrbio carioca

“Inaugurar janelas de exibição de filmes brasileiros é poder contribuir para o desenvolvimento do nosso cinema. Principalmente na Zona Norte”

CAVI BORGES

demonstra a importância de levar o audiovisual para além dos circuitos tradicionais. Agora, em Vista Alegre, o projeto dá continuidade a esse movimento, criando um novo espaço de valorização do cinema brasileiro”, afirma Pedro.

O Cineclube Cavideo amplia uma experiência iniciada com o Espaço de Cinema Cavideo, implantado no Museu da Maré, em 2024, e posteriormente em Vicente de Carvalho, este ano. Há uma particu-

ridade importante nesse modelo: projetor, computador, telão e equipamento de som adquiridos para viabilizar as sessões serão doados aos espaços, permitindo a continuidade das atividades de exibição após o encerramento formal dos projetos.

Cavi Borges enxerga na criação dessas novas “janelas” uma possibilidade de enfrentar justamente uma das fragilidades históricas do audiovisual nacional.

“Inaugurar outras janelas de exi-

bição de filmes brasileiros é poder contribuir para o desenvolvimento do nosso cinema. Para quem faz, para quem vê. Principalmente na Zona Norte do Rio, onde os poucos cinemas de shopping só passam filmes americanos. É formação de público para o nosso cinema. É trabalho cultural e social”, afirma Cavi.

A curadoria é de Milena Manfredini, responsável também pela Mostra de Cinema Cavideo, realizada em 2025 e levada a territórios periféricos da cidade. A seleção parte da lista dos 50 melhores filmes brasileiros deste século organizada pelo jornal “O Globo” no ano passado, a partir dos votos de 117 profissionais do audiovisual, entre eles Cavi Borges.

“Marte Um” abre os trabalhos. Dirigido por Gabriel Martins, o longa acompanha uma família negra da periferia de Contagem, em Minas Gerais, entre conflitos cotidianos e sonhos de transformação. Também estão na programação “Bacurau”, de Kleber Mendonça Filho e Juliano Dornelles; “Saneamento Básico, o Filme”, de Jorge Furtado; e “Ela Volta na Quinta”, de André Novais Oliveira.

Mais do que apresentar filmes, a proposta é recuperar uma função historicamente associada ao cineclubismo: transformar cada sessão num espaço de encontro, discussão e formação cinematográfica. “No momento em que o principal problema do cinema brasileiro é a distribuição e a exibição, inaugurar um cineclube mensal que exhibe cinema brasileiro é uma possibilidade de mostrar nossos filmes para um

público maior. Os cineclubes se tornaram um circuito exibidor alternativo, que tenta dar vazão à exibição de filmes nacionais e atingir novos públicos”, explica Cavi.

Existe ainda uma dimensão geográfica nesse esforço, numa cidade em que o acesso aos equipamentos culturais permanece desigual. Para o realizador, o cineclube pode ajudar a encurtar distâncias simbólicas entre diferentes territórios cariocas.

“Poder unir Zona Sul, Zona Norte, Centro e periferia. Nosso cineclube também atinge uma região carente de salas de cinema que exibem cinema brasileiro”, diz Cavi.

A formação não ficará restrita à plateia. Durante o funcionamento do cineclube, Cavi ministrará uma oficina para 20 jovens sobre a realização de filmes de baixo orçamento. A experiência terá um resultado concreto: a turma desenvolverá um curta-metragem.

Realizado em coprodução com o Subúrbio em Transe, o Cineclube Cavideo conta com apoio da RioFilme, empresa da Prefeitura do Rio, por meio do Programa de Fomento ao Audiovisual Carioca 2026. A lógica da iniciativa é direta: num país que produz cinema, mas ainda encontra dificuldades para fazê-lo chegar ao espectador, abrir uma sala significa também formar público.

SERVIÇO

CINECLUBE CAVIDEO - MARTE UM

Areninha Cultural João Bosco (Av. São Félix, 601 - Vista Alegre) 30/9, às 19h | Entrada franca

Na seara da Homeromania

Sucesso
imparável de
'A Odisseia' de
Christopher
Nolan inspira
debate sobre a
poesia seminal
por trás do
filme no Clube
de Leitura do
CCBB-RJ desta
quarta, com
especialista
da Uerj



Matt Damon esbanja exuberância na carpintaria dramática de sua atuação como Odisseu

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Depois que Christopher Nolan transformou a saga milenar de "A Odisseia" num dos filmes mais rentáveis de toda a História do audiovisual, com uma receita estimada em US\$ 1,7 bilhão, os escritos de Homero mobilizam as livrarias, inspirando derivados gráficos das mais variadas formas. Há traduções novas, tem edições comentadas e até uma versão HQ, via Panini Comics, pedir espaço nas prateleiras das lojas especializadas. Matt Damon virou o rosto da "homeromania", que varre a mídia desde o mês de julho, quando o longa-metragem estreou.

A fim de levar esse êxito à esfera do debate crítico acadêmico, o Clube de Leitura do Centro Cultural Banco do Brasil do Rio de Janeiro (CCBB-RJ) abre espaço em sua grade deste mês, nesta quarta-feira, para Carlinda Pate Nuñez, professora da Uerj, analisar o saber homérico. Seu colóquio, mediado por Suzana Vargas e Ramón Nunes Melo, começa às 17h30 deste 30/9.

"Homero é o fundador da Literatura ocidental. As obras que lhe são atribuídas, a 'Ilíada' e a 'Odisseia', são poemas que têm como prerrogativa a preservação de cantos tradicionais, incluindo-se aí tanto feitos heróicos quanto dados da vida familiar", diz Carlinda ao Correio da Manhã. "Nolan concretizou o sonho de Homero, com a tecnologia do séc. XXI. Homero, fundador



Carlinda Pate Nuñez,
professora da Uerj

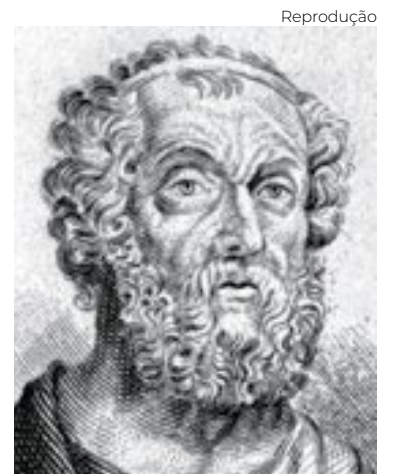
da épica grega e da poesia ocidental, compôs uma narrativa sobre a ternura humana".

Titular de Teoria da Literatura do corpo docente da Uerj desde 2018, Carlinda graduou-se em Português-Literatura pela Universidade Santa Úrsula, onde também lecionou Grego até 2002. É mestre e doutora em Literatura Comparada pela UFRJ e realizou pós-doutorado na Universidade de Freiburg, na Alemanha, com pesquisa sobre mitos platônicos. Na Uerj, atua desde 1994 e exerceu diversas funções acadêmicas, incluindo a coordenação do Programa de Pós-graduação em Letras. É autora de "Electra ou uma constelação de sentidos" (2000) e de artigos e capítulos de livros, além de organizadora de revistas e obras acadêmicas.

Ela explica que o épico de Homero tem como prerrogativa a visibilidade das ações, das peripécias,

“Homero é o fundador da Literatura ocidental. As obras que lhe são atribuídas, a 'Ilíada' e a 'Odisseia', são poemas que têm como prerrogativa a preservação de cantos tradicionais, incluindo-se aí tanto feitos heróicos quanto dados da vida familiar”**”**

CARLINDA PETE NUÑEZ



Homero, poeta grego

das situações grandiosas ou domésticas, que fazem dos protagonistas heróis. "É impressionante a quantidade de personagens envolvidos num poema épico – o protagonismo é alcançado pelas personagens principais de início, mas pode ser dividido com personagens que aparecem uma única vez, mas, uma vez focalizado pela voz narrativa, pode até immortalizar o episódio", explica Carlinda. "Este é o caso do porquêiro Eumeu (Cantos XXIII e XXIV) e do cão Argos (que morre, ao reconhecer seu dono, Ulisses/Odisseu), após 20 anos de ausência)".

Nolan aparece em todas as listas de Hollywood como um concorrente obrigatório na festa do Oscar de 2027. Anne Hathaway há de ser indicada como Penélope, a rainha que passa duas décadas à espera de seu amado Odisseu

"O filme de Nolan evita representações exageradas ou puramente

digitais de deuses e monstros. Zeus e Poseidon, por exemplo, manifestam-se através de elementos da natureza como trovões e ondas", explica a professora. "Outro aspecto é a apresentação de Ulisses menos astucioso do que ele demonstra ser nos poemas homéricos. No filme, ele é melancólico, marcado pela culpa (quanto à destruição de Troia) e pelo peso de vencer graças ao ardil do Cavalo. "A Odisseia" se tornou a obra paradigmática do épico, tendo em vista a combinação de dois fatores que se tornaram emblemáticos para o gênero: as agruras do retorno ("nóstos") e as provas de reconhecimento a que foi submetido. Ao longo dos vinte e quatro cantos, Ulisses está presente como protagonista. Essa presença, enfrentando situações naturais e sobrenaturais, testa e depaupera as forças do herói. A última prova a que é submetido – o segredo do leito conjugal – é a chave

de ouro. Ainda está por ser escrita uma epopeia que supere o impacto do desfecho desta epopeia".

O Clube de Leitura do CCBB, organizado por Suzana Vargas (com curadoria dela e de Ramón Nunes Melo) virou uma das maiores coqueluches estéticas do Rio, entre os eventos que celebram a arte da palavra, abrindo espaço nobres para cabeças inquietas como as de Carlinda.

"As literaturas antigas continuam sendo fontes de inspiração e recriação", diz a teórica da UERJ. "Estudos comparativos entre obras literárias, entre os clássicos e adaptações nas literaturas pós-clássicas, traduções do grego e do latim para línguas modernas, estudos temáticos e interdisciplinares asseguram a sobrevivência incansável do clássico. Eu diria até: a presença viva e a pulsante renovação do Clássico. Sem dúvida, o clássico continua atual".

FOTOCRÔNICA CARLOS MONTEIRO

FOTOS E TEXTO

MESTRE ZU, a doçura mais gentil que conheci

Há pessoas que a gente fotografa com os olhos. Mestre Zu era uma delas. Zuenir Ventura chegava sem fazer barulho. Um sorriso discreto. O olhar atento. A palavra sempre pronta, mas nunca apresada. Tinha a rara elegância de quem sabia ouvir. E isso, hoje, é quase uma fotografia antiga. Em tempos de tanta pressa, Mestre Zu caminhava devagar. Devagar não era lentidão. Era atenção. Via pessoas. Via histórias. Via o Rio. Talvez por isso tenha sido tão grande jornalista. E tão grande escritor.

Porque antes de escrever, olhava. Antes de julgar, escutava. Antes de transformar uma história em texto, procurava o homem escondido dentro dela.

Mestre Zu conhecia o Brasil pelas suas contradições. Pelas ruas. Pelos personagens. Pelas dores. Pelas esperanças. E conhecia o Rio pelo afeto. O Rio da janela aberta. Da calçada molhada depois da chuva. Do vendedor de jornal na esquina. Do botequim de porta aberta. Do mar de Ipanema recortando o horizonte. Do Cristo aparecendo entre dois prédios. Do carioca sentado diante do nada, olhando o mar como se conversasse com ele. Esse era o Rio de Mestre Zu. Um Rio físico. De pele, sal e sol. Mas também um Rio indelével. Aquele que permanece quando a paisagem muda. Quando o prédio antigo desaparece. Quando a esquina deixa de ser a mesma. Quando as pessoas partem. O Rio que fica dentro da gente.

Mestre Zu carregava esse Rio consigo. Talvez por isso suas palavras tivessem sempre alguma luz carioca. Mesmo quando escrevia sobre o Brasil mais duro, havia nelas uma espécie de janela. Uma possibilidade de enxergar além. Ele fez do jornalismo uma maneira de compreender o país. E da literatura, uma maneira de guardar aquilo que o tempo insiste em apagar. Há jornalistas que registram acontecimentos. Mestre Zu registrava vidas. E há escritores que inventam mundos. Mestre Zu encontrava mundos nas pessoas. Foi assim que sua obra atravessou gerações. Foi assim que chegou à Academia Brasileira de Letras. A cadeira de um imortal não é apenas uma cadeira. É uma fotografia de longa exposição. Nela ficam os que passaram. Os que escreveram. Os que pensaram. Os que ajudaram a construir a língua, a literatura e a memória de um país. Ao tornar-se imortal da Academia, Mestre Zu ganhou um lugar entre essas vozes. Mas, pensando bem, sua verdadeira imortalidade já estava garantida. Estava nas páginas. Nos livros. Nas reportagens. Nos leitores. Nos amigos. Nos colegas. E, principalmente, na lembrança de quem teve o privilégio de encontrá-lo. Porque algumas pessoas deixam saudade. Outras deixam ensinamentos. Mestre Zu deixou os dois. E deixou também uma delicadeza.

Uma maneira de olhar o outro. Uma maneira de conversar. Uma maneira de estar no mundo. Hoje, quando penso nele, imagino uma fotografia. Mestre Zu caminhando pelo Rio. A luz da tarde batendo de lado. O mar ao fundo. Uma brisa mexendo a camisa. Ele para por um instante. Olha. Sorri. Talvez tenha acabado de encontrar uma história. Talvez tenha apenas encontrado o Rio. E, como sempre, tenha entendido que os dois eram a mesma coisa.

Porque Mestre Zu não apenas amou o Rio. Ele ajudou a escrevê-lo. E algumas cidades, quando encontram homens assim, também se tornam imortais.

